



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ESCOLA DE ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA
Disciplina “Um olhar de gênero sobre a saúde das mulheres”

Roteiro para estudo de caso

Das Dores: *“Eu estava toda desestruturada, eu não conseguia perceber o que estava acontecendo, não conseguia visualizar o todo...”*

Entrevistadora: Você é Maria das Dores, mas prefere que a chamem de Das Dores, não é? Local de residência?

Das Dores: Sim, Das Dores. Moro na Vila Anhanguera.

Entrevistadora: São Paulo.

Das Dores: É.

Entrevistadora: Quantos anos você têm?

Das Dores: Vinte cinco.

Entrevistadora: Nasceu em São Paulo?

Das Dores: Sim

Entrevistadora: Cor da pele?

Das Dores: Parda. Meu pai é preto e minha mãe mulata.

Entrevistadora: Religião?

Das Dores: Esotérica.

Entrevistadora: Escolaridade?

Das Dores: Terceiro grau incompleto.

Entrevistadora: Tem alguma ocupação hoje?

Das Dores: Trabalho como supervisora num hospital de referência.

Entrevistadora: Você é registrada?

Das Dores: Vou ser agora, consegui que em janeiro vou ser registrada. Supervisiono médicos e enfermeiros em um projeto de avaliação de custo de pacientes.

Entrevistadora: Qual é a sua renda atual?

Das Dores: Seiscentos e cinquenta reais.

Entrevistadora: E familiar?

Das Dores: Dois mil reais.

Entrevistadora: Quantas pessoas moram na sua casa?

Das Dores: Cinco.

Entrevistadora: Destas cinco, quantas trabalham atualmente?

Das Dores: Três.

Entrevistadora: Estado civil? Com quem mora atualmente?

Das Dores: Solteira. Moro com meus pais.

Entrevistadora: Como você se sente com o seu corpo, como você percebe o seu corpo?

Das Dores: De uns seis meses para cá comecei a fazer uma retrospectiva da minha vida e comecei a ver que sempre achei que eu estava ruim, sempre achei sempre estava de mal com o meu corpo, e agora eu resolvi usar o que eu tenho, achar bonito o que eu tenho. Me achando bonita as outras pessoas também vão começar achar. Eu entrei nesta filosofia, aí eu vi que começou realmente a dar certo, então eu estou aprendendo a gostar mais de mim, a me cuidar,... Eu não fico só olhando defeitos eu já comecei a olhar o lado das qualidades, então estou me resolvendo melhor.

Entrevistadora: E tem alguma coisa que você goste mais no seu corpo?

Das Dores: Meus olhos.

Entrevistadora: E o que você não gosta?

Das Dores: É do meu nariz.

Entrevistadora: Você conhece o funcionamento do seu corpo?

Das Dores: Conheço.

Entrevistadora: Você faz alguma coisa para se prevenir contra a AIDS?

Das Dores: Faço.

Entrevistadora: O que?

Das Dores: Uso camisinha. Quando tenho que lidar com alguma pessoa, tomo todas as precauções universais, estou sempre atenta. Profissionalmente é isso, mas em âmbito emocional uso camisinha, delimito o número de parceiros. O principal é me gostar. Acho que limitar o número de parceiros e usar camisinha é uma maneira de eu me cuidar.

Entrevistadora: Você evita a gravidez?

Das Dores: Sim

Entrevistadora: Como?

Das Dores: Atualmente sim, como eu não estou num relacionamento estável eu uso a camisinha. Quando eu estou num relacionamento estável ou se eu estou vendo que está caminhando para uma coisa séria, uma coisa segura, eu começo usar anticoncepcional injetável.

Entrevistadora: Por que você previne a gravidez?

Das Dores: Porque eu já passei por uma experiência de uma gravidez indesejada, de um aborto provocado e foi uma experiência muito traumatizante. Eu me prometi que nunca mais passaria por isso, então é uma maneira que eu achei de evitar isso.

Entrevistadora: E você escolheu o anticoncepcional injetável por que? Quem indicou?

Das Dores: Eu tenho um tio que é farmacêutico, que é dono de uma farmácia. Eu liguei para ele e perguntei dizendo que eu tinha as minhas amigas que tinham falado para mim sobre isso, e também porque não dava para eu ficar andando com a cartela de anticoncepcional na bolsa. Nas minhas coisas eu não tenho a mínima privacidade, é uma coisa que eu já deveria ter cortado mas que até agora não consegui. Minha mãe mexe na minha bolsa, minha mãe mexe nas minhas gavetas, minha mãe mexe em correspondência abre, então privacidade dentro da minha casa é nula, zero. Como eu precisava de uma maneira de me prevenir e ao mesmo tempo que não deixasse vestígio nenhum, falei com o meu tio ele me deu o nome de dois para eu experimentar um num mês e outro no outro mês para eu ver qual dos dois eu iria me adaptar melhor e aí eu fiz isso. Eu nunca tive problema com anticoncepcional não.

Entrevistadora: Tem efeito colateral?

Das Dores: Não, nada nada, me dei super bem.

Entrevistadora: Aquela histórias de sangramento...

Das Dores: Não. Dor de cabeça, vômito, não tive nada disso, ao contrário até me sentia bem melhor. Eu achei que ... pode até ser inconsciente, mas acho que melhorou minha libido. E melhorou porque eu me sentia mais segura e eu me soltava mais e também porque eu não sei eu gostei, foi uma maneira rápida e fácil.

Entrevistadora: Então você ficou grávida uma vez...

Das Dores: sim

Entrevistadora: Não tem filhos, não é? O que marcou a sua decisão para você decidir fazer o aborto?

Das Dores: Olha, a decisão de fazer o aborto não foi minha. A decisão num primeiro momento quando eu me descobri grávida ... meu único medo era minha mãe descobrir, não era nem meu pai, era minha mãe. Eu ficava pensando um monte de coisa, eu pensava: eu tenho só dezessete anos. Não tinha estrutura para estar analisando a situação. Então eu pensava de uma maneira muito pequena, muito mesquinha, eu não estava tendo noção do conjunto, o que era uma vida, o que era uma criança, o que era um ser. Para mim era problema, tinha que ser resolvido. Aí o que eu fiz: quando me descobri grávida eu liguei para uma amiga e falei: Olha eu estou grávida, eu não sei o que eu faço, lá lá lá lá lá. Aí, olha, toma isso, aquilo, não sei o que... Tinha um remédio de homeopatia, chamado Provera tintura mãe, aquela coisa bem forte. Ela falou: Toma o vidro inteiro. Lá fui eu lá na Almeida Prado, lá no centro da cidade, catei dois vidros e tomei dois vidros inteiro e nada, não senti absolutamente nada. Foi como se eu tivesse tomado floral. Eu só senti uma quentura como se fosse uma febre que vinha e ia e vinha e ia e mais nada, não senti contração, não senti nada. E quando minha mãe ficou sabendo que eu estava grávida, ela ficou sabendo através dessa mesma amiga que eu contei. Essa minha amiga tinha contado para minha mãe que eu tinha tomado esse remédio, mas como era uma coisa homeopática eu tinha quase certeza que isso não afetou e se eu

continuasse com a gestação não iria afetar a formação da criança, porque não era nada tóxico. Acho que se fosse tóxico iria se manifestar primeiro em mim para depois na criança. Como eu não senti nada achei que também não iria afetar a criança. Aí minha mãe... Eu me lembro que quando eu cheguei em casa minha mãe estava com uma cara de velório, meu pai sério encostado na porta da cozinha e eu toda contente porque eu tinha acabado de trocar de emprego, estava me dando super bem no emprego novo, fazendo coisas novas... Cheguei super alegre em casa e eles com aquela cara e eu: O que foi? É... Eu: O que foi, o que foi? Aí eles: Eu tenho uma coisa muito séria que eu preciso falar com você viu? Você está grávida. Aí eu senti primeiro um momento de pânico... Aí eu admiti, comecei a chorar e falei que estava. Sempre morei 24 anos no mesmo lugar e há mais ou menos uns quinze eu conheci uma menina que sempre me ajudou em tudo, que é muito amiga da minha mãe e muito minha amiga. Era um apartamento vinculado com o outro, o meu era o três o dela era o quatro e comecei a chamar ela para me ajudar a conversar com a minha mãe, porque a gente precisava de uma intermediária. Quando ela ficou sabendo foi um Deus nos acuda... Eu acho que se eu tivesse um namorado regular e tivesse ficado grávida era mais aceitável para minha mãe do que nas condições que eu tive. Na época, eu tinha dezessete anos, o meu parceiro tinha trinta e quatro, era casado e tinha três filhos.

Entrevistadora: E sua mãe ficou sabendo porque sua amiga contou?

Das Dores: É, minha mãe soube porque minha amiga contou. Minha mãe ficou sabendo de toda a situação então

Entrevistadora: Antes disso ela não sabia?

Das Dores: Não, para ela foi mais vergonhoso. Se eu tivesse um namoradinho de dezessete ou vinte anos, da minha idade, tudo bem. Mas eu acho que ela se sentiu humilhada duas vezes: primeiro porque eu estava grávida e segundo por causa das condições em que foi. Foi adultério. Eu me lembro que eu cheguei e ela estava no quarto, tinha acabado de chorar, ela virou para mim e falou: o que você pretende fazer? E eu falei: eu pretendo ter a criança (séria). Foi uma decisão que veio na minha cabeça e saiu aquela resposta que eu sempre quis ter. Criei coragem, respirei fundo e disse: eu quero essa criança. Aí ela começou a rir e disse: como você quer essa criança, como você está dizendo que você quer essa criança? Você não tem estrutura para querer essa criança. Você não tem noção do que é querer essa criança. E além do mais você tomou remédio, a essas alturas não tem nem mais criança. E aí eu achei que não dava para discutir aquela hora o que eu queria, então eu acatei o que ela falou. Meia hora depois, ela ligou pro meu tio, e uma hora e meia depois mais ou menos meu pai e minha mãe pegaram o carro e foram até a farmácia. À noite eles me deram dois comprimidos de “pitozeque”, “titot”.

Entrevistadora: Citotec.

Das Dores: Citotec, isso. Para tomar. Não teve aquele negócio de colocar nem nada, só tomei dois comprimidos. Na época, como tinha um primo que estava dormindo em casa, eu dormia junto com meu irmão num colchão de casal. Eu não tinha idéia de como ia ser, como era um aborto. Eu me lembro que acordei umas três, quatro horas da manhã com uma dor insuportável. Parecia que estavam me arrancando

alguma coisa. Eu não conseguia fazer nada. Rezava pra tudo quanto era santo para parar aquela dor que eu estava sentido, aquela dor ...

Entrevistadora: Você não relacionou isso com o aborto?

Das Dores: Não, no primeiro momento eu não relacionei. Eu me lembro que como se fosse uma superstição, encostava na meu irmão e a dor parava. Passei uma hora e meia abraçada com o meu irmão achando que as dores iam parar, porque era alguma coisa anormal. Aí teve uma hora que eu não agüentei mais de dor, aquela pressão no baixo ventre.

Entrevistadora: E ele não percebeu?

Das Dores: Não, ele estava dormindo. Tanto que meu irmão veio a saber só recentemente e foi porque eu quis contar. Era uma pressão muito grande no baixo ventre, uma coisa forçando para baixo. Forçava e eu abrir as pernas, era uma coisa sem eu querer. Era uma coisa que aliviava se eu abrisse as pernas. Aí, eu fui pro banheiro e quando eu sentei, vi que estava sangrando, sangrando muito. Foi aí que eu me lembrei do que era. Mas naquela hora eu não sei o que me deu que eu não consegui chamar ninguém. Porque eu achei que se eu chamasse alguém, ia descer até o último grau, ia ser o fundo do poço se alguém me visse daquele jeito. Eu me lembro que eu peguei uma toalha e fiquei mordendo. Aquela dor, aquela dor, aquela dor... De repente veio uma dor e aí desceu. Eu me lembro que eu nem olhei. Eu acho que foi uma coisa até errada que eu fiz, mas eu só lembro que dei descarga. Como se tivesse levando embora tudo, toda aquela fase ruim, aquela fase que eu achava que já tinha terminado dando a descarga. Quando a gente fez saúde da mulher, estava passando uns vídeos sobre gravidez na adolescência, se eu não me engano é aquele "Eu sei que vou te amar", com a Fernanda Torres. Ela aparece sentada na bacia se esvaindo em sangue. Aquela foi realmente a minha sensação, a minha cena, a cena que mais me marcou. Eu me lembro que eu achei que tinha terminado, ali tinha acabado, mas nem imaginava que ali só estava começando a minha história. Aí, eu fui tomar banho e vinham resíduos, que hoje eu sei que eram de placenta, uma coisa bem mole, bem espessa...

Entrevistadora: De quantos meses você estava?

Das Dores: Eu estava de cinco meses. Eu me lembro que eu me lavei toda. Eu nunca na minha vida tinha feito uma ducha vaginal. Eu perdi minha virgindade quando eu tinha dezesseis anos, em dezembro de 88 e fiquei grávida em agosto de 89. Então minha experiência de corpo de sexualidade, de órgão reprodutor, de auto-cuidado não tinha nada. Minha mãe nunca conversou comigo que existia isso, que existia aquilo. Tudo que eu fiquei sabendo foi na prática. Eu sei que é a pior maneira de aprender, mas foi na prática. Aí, fui tomar banho. Deitei e quando foi seis, sete horas da manhã minha mãe veio me chamar porque eu tinha que trabalhar. Aí minha mãe: Acorda! Minha mãe veio me chamar e perguntou o que tinha acontecido. Eu estava meio sonolenta e não lembrei. Aí ela falou: Não sentiu dor, não sangrou, o que aconteceu? Eu falei: Ah, já desceu. Aí ela falou prá mim: Por que você não me chamou? Falei: Eu não chamei porque eu tive vergonha e não quis chamar ninguém. Aí ela virou para mim e falou: Sentindo vergonha ! Agora você sente vergonha. Aí foi aquela ladainha. Eu levantei, me troquei, tomei banho e fui trabalhar. Na época trabalhava com computador. De repente comecei sentir uma dor muito forte no

seio. Parecia que alguma coisa estava me apertando e eu não tinha nem noção do que era. Quando vi, minha camiseta estava ensopada. E eu pensei: - Nossa, que esquisito ! O que será isso? Quando começou a secar, começou a vir um cheiro característico. Eu comecei a cheirar a camiseta e vi que era leite. Corri pro banheiro. Eu não tinha contado prá ninguém do serviço, era nova no serviço e não queria que ninguém percebesse. Fui para o banheiro e coloquei papel higiênico. Mas mais ou menos a cada intervalo de meia hora, vinha de novo. E eu fui perdendo sangue, perdendo sangue... A cada quinze minutos eu trocava o absorvente, sempre encharcado. Quando foi mais ou menos quatro horas da tarde já não estava agüentando mais a dor e liguei para essa vizinha que eu falei para você e pedi para ela chamar uma outra vizinha que tinha carro para ir me buscar. Eu trabalhava relativamente perto de casa mas sentia que não conseguia andar nem que fosse para andar até em casa. Fiquei esperando na esquina e quando vejo, vem ela sozinha, sem ninguém. Ela falou que não ia chamar ninguém porque achava que as outras pessoas iam perceber. Sei que ela quase me carregou. Ela era bem mais baixa que eu, um toquinho de gente. Não sei onde ela arranjou força, sei que ela quase me carregou no colo para casa. Cheguei em casa, deitei e a dor não passava. Eu só pedia prá Deus, para tudo quanto era santo para fazer passar aquela dor. E aquela dor era pior que a dor da contração que eu tinha sentido durante a noite.

Entrevistadora: Na barriga?

Das Dores: É, no baixo ventre. Aí eu lembro que ninguém fez nada. Tem uma cena que eu gravei: eu estava deitada na minha cama e meu pai e minha mãe de pé do lado da cama, conversando : “Mas que a gente vai fazer agora? A gente não pode levar ela pro hospital. Se a gente leva pro hospital eles vão perguntar o que aconteceu, aí vai ficar pior para ela e se eles souberem que foi a gente que ajudou vai piorar prá gente. Não sei, o que a gente faz? Ligaram pro meu tio, ele passou um remédio que era prá contração, prá contrair, prá dor, eu não lembro. Era um remédio que agora tomam no alojamento conjunto mas eu não estou lembrada qual é. É prá expulsar, prá limpar o útero mesmo.

Entrevistadora: Ocitocina?

Das Dores: É, mais ou menos isso.

Entrevistadora: Metergin?

Das Dores: Não, era um remédio que eu não estou lembrada agora. Aí parou mas quando passou um, dois, três dias, começou a parar o sangramento. Só que parou o sangramento e começou a vir uma borra de café e essa borra de café cheirava muito mal. Cheirava como se fosse alguma coisa apodrecendo. E eu não entendia porque eu estava com aquele cheiro. Aí novamente ligamos pro meu tio e ele mandou eu fazer ducha vaginal de quatro em quatro horas, com um negócio que chamava Flogorosa. A primeira vez que eu fui fazer uma ducha vaginal, também outra experiência traumatizante para mim, porque... eu agora descobri que até hoje não posso usar ducha vaginal inteira. Aquele cano inteiro desatarracha e fica só aquele negocinho deste tamanho, porque a conformação da minha vagina não é aquela coisa que a gente vê. O ginecologista mesmo diz que eu tenho uma curvatura que é um pouco anormal, por isso eu não posso usar aquele negócio reto. Aí, fui fazer a ducha vaginal com a minha mãe olhando para minha cara. Eu: Como é que se faz

isso? Ela mandou eu agachar no box e tentar colocar e eu dizia que doía, porque realmente o local estava traumatizado. Eu dizia que doía e ela falava que não era possível porque tinha que entrar, tinha que entrar, tinha que entrar. Aí teve uma hora que eu comecei a chorar e falei que estava doendo, que eu não conseguia mais. Aí ela falou: - Você colocou coisa bem maior do que isso aí não doeu, então pode colocar isso daí aí, que isso já é frescura sua. O que mais me doía era a agressão verbal, o que mais me humilhava era a agressão verbal que eu sofri. Meu pai quando descobriu tudo, chorou. Eu me lembro de ter visto ele chorar, mas ele nunca me falou nada. Uma vez ele perguntou prá mim se eu tinha necessidade muito grande de sexo. “Filha você tem uma necessidade muito grande que você não consegue controlar?” Eu falei: - Não, pai não é isso, foi um acidente. Não é que eu tinha uma coisa compulsiva por sexo. Essa era a preocupação dele. Aí fiz a ducha, passou o cheiro, ficou tudo normal. Passados uns quinze dias, minha mãe falou: “Vamos passar no ginecologista para ver como é que você está.” Chegamos a ir numa ginecologista, contei toda história para ela, falei que eu que tinha provocado o aborto, que minha mãe não estava sabendo de nada, que tinha tomado aquela provera tintura-mãe, joguei um blefes nela e ela acreditou e me encaminhou para um ultra-som de emergência. Quando foram ver, eu estava com uma área... lembro até hoje, área corecóiide. Era como uma aderência da placenta que ficou no útero e estava formando uma ferida que estava quase perfurando o útero.

Entrevistadora: Da data do aborto até esse dia quanto tempo se passou?

Das Dores: Vinte dias. Ela me mandou voltar no outro dia já com um encaixe. Na hora que ela viu o que eu tinha, ela me mandou de ambulância, já direto para o hospital. Lá já fizeram tricotomia... Eu sei que eu entrei às seis horas da tarde e às oito horas da noite eu já estava entrando em sala de cirurgia. E entrar na sala de cirurgia também foi uma coisa muito traumatizante. Eu vou tentar explicar o máximo para você o que estava acontecendo: o pânico que eu senti era de não saber o que estava acontecendo... Ninguém me orientou quanto ao que ia acontecer lá dentro... Até hoje, acho que se um dia eu for para uma sala de parto, vou passar por aquele terror todo de novo, porque eu tinha dezessete anos, não tinha noção nenhuma de que eu tinha entrado numa sala de cirurgia. Sempre ouvi dizer das minhas amigas que tinham sofrido muito em cirurgia. O estado que minha mãe ficou porque eu ia para sala de cirurgia... Ela entrou em pânico e me deixou mais em pânico ainda. Eu pensava: se fosse uma coisa segura minha mãe não ia estar assim. Se ela está nesse estado é porque uma coisa muito ruim vai acontecer. Então, eu cheguei na sala de cirurgia, prenderam a minha perna naquela posição ginecológica, passaram um pau embaixo das minhas costas, começaram a passar fita crepe no meu braço, meu braço amarrando no pau...

Entrevistadora: Você não tomou nenhuma medicação antes?

Das Dores: Não, nada. Eu estava totalmente alerta. Tanto que lá na sala até confundiram, acharam que era para eu passar por revisão de parto. E aí, foi: “Quando você teve seu neném filha?” “Não, eu não tive neném.” “Essa menina é prá curetagem.” E eu pensava: meu Deus do céu, quando chegar lá dentro.... Aí quando eu vi ele passando fita crepe no meu braço para aderir ao pau, amarrando a minha perna e o homem já fazendo antisepsia lá com polvidine, eu achei: Pronto, vai ser a sangue frio. É ! É que isso é meu castigo. Conspirou tudo para eu chegar até aqui,

esse é meu castigo, é para nunca mais eu fazer isso. Aí, eu só sei que eu gritava : “Eu quero anestesia, eu quero anestesia, pelo amor de Deus eu quero anestesia, eu quero anestesia, não faz isso comigo, eu quero anestesia, eu quero anestesia, eu quero anestesia. E nisso, o anestesista já estava do meu lado e estava me dando ... nem imagino o que seja, acho que era Dormonid ou qualquer coisa parecida. Eu olhava prá ele e falava : “Moço, tem que me dar anestesia, eu não fiz nada, não foi por querer, não pode me fazer isso agora a sangue frio, não quero sentir dor.” Aí ele olhava para mim. Foi a única visão, expressão carinhosa que eu vi nesse, nesse... um mês que eu passei esse horror. Aí, ele olhou bem para mim e falou: “Calma filha eu estou fazendo anestesia em você, você não vai sofrer. Eu prometo para você que você não vai sentir dor nenhuma.” Foi quando ele falou isso que eu relaxei e a anestesia fez efeito. Minha mãe me contou que quando eu retornei da anestesia parecia que eu tinha regredido em idade. Ela falou que eu tentei mamar, tentei pegar o seio dela, disse que eu chorei muito e pedia desculpas e falava que a culpa não era minha, que não era minha. Eu dizia que eu ia falar com a pessoa que me engravidou. Por falar nisso, eu contei prá ele que eu estava grávida e ele simplesmente pediu transferência para o Rio e nunca mais apareceu. Foi um dos motivos porque eu fiquei super perdida. E eu dizia que ele ia pagar pelo que ele tinha feito comigo, porque ele era mais velho, ele sabia das coisas, ele devia ter me orientado também. Sei que foi uma experiência muito traumatizante.

Entrevistadora: Isso era sua mãe que falava?

Das Dores: É, ela contando para mim, contando para mim o que eu tinha falado depois da anestesia, porque eu não me lembro de nada. Minha mãe dizia que eu tentava levantar para ir trabalhar, dizia que eu falava : “Eu estou atrasada.” E tentava levantar para ir trabalhar. Eu me lembro que no começo, quando eu voltei à consciência, senti um pouquinho de dor, mas depois passou. Fiquei uns dois dias ainda meio grogue por causa da anestesia, eu achava que vinham pessoas me visitar, mas minha mãe diz que não vinham. Parentes meus que eu achava que estavam ali do meu lado e conversavam. Minha mãe dizia que eu conversava como se alguém tivesse conversando comigo. E meu irmão, em casa... com a minha irmã. Como que a gente ia falar? Eu só tenho dois anos de diferença do meu irmão, então se eu tinha dezessete, ele tinha quinze anos. Então como explicar isso para ele. Porque eu sempre fui um ídolo para o meu irmão e meu irmão sempre foi um ídolo para mim, então minha mãe não queria quebrar esse vínculo. Eu disse que tinha ido prá casa não sei de quem, minha mãe tinha dito que eu tinha ido para casa da minha tia Lines. A tia Lines não estava passando bem e eu estava cuidando dela. Aí, voltei prá casa e já não estava sentido nada. Até tentei levar uma vida normal. Um dia estou lá, bela e formosa trabalhando quando, de repente, eu sinto como se... parecia que estava correndo alguma coisa em mim. Sabe quando parece que tem um bichinho que vai para cima que vai para baixo, que começa a andar? E eu não entendia o que era aquilo. Cheguei em casa, minha mãe que é toda supersticiosa já falou um monte. Eu até hoje não sei o que era aquilo... devia ser o útero regredindo, involuindo.

Entrevistadora: Isso foi depois de quanto tempo?

Das Dores: Dois dias depois da curetagem.

Entrevistadora: Você ficou três dias internada. E aí, você voltou a trabalhar logo depois?

Das Dores: Uma semana depois. Eu conto esses três dias mais dois que eu fiquei de repouso em casa. Voltei na outra semana. Hoje eu sei que era involução do útero, porque estava lateralizado e ele tentava voltar para a posição anatômica e involuia, mas eu não sabia que era isso, sabia que tinha uma coisa andando, eu sentia uma coisa andando aqui. Aí, cheguei em casa e falei para minha mãe que eu sentia uma coisa andando. Aí ela falou... na tradição popular ela falava que era a mãe do corpo, que é quem cuidava daquela criança, o mentor espiritual que cuidava daquela criança que estava procurando ela. Umas coisa bem folclóricas. Aí me fez tomar banho ervas, banho de assento com ervas e não sei o que, só sei que passou. Depois que eu passei esse período minha mãe chegava para mim e falava: “Você é meu vaso de cristal que quebrou, você me decepcionou, foi a maior decepção da minha vida.” Mesmo depois de tudo isso. “Eu estou sofrendo muito.” Mas acho que ela foi um pouco egoísta e é até hoje, porque ela ainda fala desse sofrimento dela. Ela nunca perguntou prá mim como eu me senti, como eu estava. Eu não conseguia verbalizar o que estava sentindo. Ela falava: “Você me magoou, você me faz sofrer, você isso, você aquilo. Então fui introjetando que eu tinha feito uma coisa muito errada, que a culpa era toda minha. Durante muito tempo eu carreguei essa culpa. Muitas vezes acordei no meio da noite chorando e pedindo desculpas, pedindo desculpas para a criança: “Me desculpa, eu não fui forte o suficiente para lutar por você, me desculpa.” Eu vinha do sonho já chorando e acordava. Na hora que me via consciente, já estava pedindo desculpa. Eu falava: “Desculpa, desculpa, desculpa, desculpa.” E quando eu parava: Ai, meu Deus do Céu, para que eu estou pedindo desculpas? Minha mãe disse que foi numa igreja e deu um nome prá criança, rezou pela criança, mandou rezar até uma missa. Desse dia em diante parou esse negócio de eu ficar acordando pedindo desculpas. Foi uma situação que eu prometi para mim que nunca mais eu ia passar, eu prometi que nunca mais eu ia me fazer passar por um sofrimento tão grande. Eu fiquei grávida em agosto, então, setembro, outubro, novembro, dezembro e em janeiro... o aborto.

Entrevistadora: Você estava de...

Das Dores: Cinco meses. Eu estava prestando vestibular na época, entrei logo na faculdade. Eu estudava em Mogi das Cruzes, fazia faculdade de Biomedicina, então era tudo novo e eu era muito nova também. Na faculdade eu era considerada a mascote, as pessoas tinham 25, 26 anos e eu tinha 17, estava entrando, tudo direitinho, lá, lá, lá, lá, lá, lá. Os professores me admiravam para caramba por eu ter conseguido e eu era uma boa aluna, tirava sempre boas notas, estava sempre interessada em coisas novas. E eu lembro que eu me envolvi várias vezes. Porque eu era novinha, pichtulina, lindinha... Eu me lembro que eu era muito assediada e todo esse tempo eu não deixava uma pessoa nem me tocar. Eu tinha nojo, tinha asco, precisava me resolver, ver que a culpa não era minha, resolver a minha sexualidade. Até hoje, algumas vezes dá aquele entrave... Aí eu tenho que sentar e começar a conversar comigo mesma. Ainda hoje bate um arrependimento de vez enquanto. Às vezes, por exemplo, quando eu vejo uma amiga com um filho, uma pessoa fofa, linda, maravilhosa, outra que eu ajudei, me dá isso. A filha dessa minha amiga, por exemplo. A minha maneira de me redimir foi proporcionar prá minha amiga todo o

apoio que ela precisava. Dizer a ela que no que ela precisasse, que fosse para enfrentar os pais dela, a força que eu não tive para mim aquela vez, eu tive para dar para minha amiga. Até hoje, as vezes penso e me arrependo: “Pôxa, tenho 25 anos, hoje teria uma filha, tenho certeza que era uma menina, de oito ano de idade. Como seria minha vida, será que eu estaria aqui hoje?” Durante muito tempo eu fiquei com uma neurose muito grande de engravidar de novo, de querer engravidar de novo prá compensar a filha que eu tinha perdido mas agora já me resolvi, vi que eu tenho que ver meu lado profissional. Mas se eu engravidasse hoje, mesmo que fosse nas mesmas condições, de não ter parceiro fixo, de não ter condições, não ter estrutura financeira para cuidar de uma criança, eu teria estrutura emocional prá agüentar a gravidez, enfrentar minha família, decidir o que eu quero e para dar base para essa criança. Eu sei que quando chega no limite, no auge do desespero é que a gente vê a força que a gente tem e agora, com 25 anos, eu sei que eu ainda não descobri ainda todo o potencial que eu tenho. Uma grande parte veio daquela experiência, então eu tenho certeza que se vier de novo, vai vir e vai ser bem vindo.

Entrevistadora: Como você descobriu que estava grávida?

Das Dores: Eu sempre fui super regulada, mesmo depois da minha menarca, eu sempre fui bem regulada. Então, passou uma semana, nada; passou a segunda semana, nada. Comecei a ficar desesperada, aí liga prá amiga, começa a se perceber e ler em um livro como fica o seio... Comecei a ver que eu que não tinha barriga nenhuma, comecei a ver que a minha barriga começou a crescer, começou a inchar. Eu vomitava muito, muito. Então foi isso, todos os sinais indicaram que eu estava grávida.

Entrevistadora: Você chegou a fazer exame?

Das Dores: Não.

Entrevistadora: Nem de farmácia?

Das Dores: Não, nada.

Entrevistadora: Você ficou grávida por acaso? Não sabia como evitar?

Das Dores: Não. Tanto que eu fui fazer um teste de sorologia para HIV. Eu estava até conversando com a psicóloga, porque naquela época de 88, eu tinha 16, 17 anos, não se ouvia falar tanto, pelo menos onde eu estava não se ouvia falar em AIDS. Onde eu morava e estudava - num colégio estadual – para mim essas informações eram o que a televisão dizia Hoje a gente sabe que era uma coisa totalmente distorcida. Até 90, 91, a AIDS era uma peste gay, a AIDS era condicionada a um grupo de risco, então eu sempre achei que eu estava fora desse grupo. Hoje eu vejo o risco que eu corri naquela época, sem as informações necessárias. Corri o risco de contrair o HIV, uma doença sexualmente transmissível e eu não tinha noção nenhuma disso.

Entrevistadora: É, mas na época você sabia que ...

Das Dores: Sim, sabia que com a penetração, ejaculação, haveria risco, sabia. Mas eu não tinha noção de como funcionava o órgão genital masculino. Então como ele dizia que iria gozar fora e eu via sair aquele pouco que saía, eu achava que era aquilo. Mas eu nunca pensei no líquido seminal que sai antes, eu nunca pensei que de repente aquele que saiu era metade, porque a outra metade já estava dentro. Não tinha

noção disso. Eu sempre tive uma amiga um pouco mais velha, que tentava engravidar e não conseguia. Ela e o namorado tentavam engravidar e não conseguiam, então na minha cabeça eu achava que engravidar era uma coisa difícil, era uma coisa que tinha que tentar várias vezes. Tinha uma visão totalmente distorcida da realidade...

Entrevistadora: Depois que você teve a interrupção da gravidez, que você passou por todo esse problema, como é que você se sentiu? Como é que você se percebeu e como ficou sua saúde depois que saiu do hospital?

Das Dores: Depois que eu saí do hospital, a minha maneira de me ver ficou completamente distorcida. Eu inibi todo e qualquer desejo e necessidade que tinha, eu me anulei por completo. Tentei esquecer o máximo que eu pude o meu corpo. Eu estava com 17 anos, tinha acabado de entrar na faculdade, para mim era tudo novo. Nessa idade, a gente viaja, tem altos devaneios, então eu via as pessoas se aproximando de mim, eu já imaginava que ia ficar grávida de novo. Então eu me anulei durante um bom tempo, não deixei ninguém chegar perto de mim, não deixava ninguém me tocar. Eu era alegre, brincava com todo mundo, mas sempre me reservava nesses assuntos. A minha saúde mental ficou prejudicada durante muito tempo. A minha integridade física voltou ao normal, mas voltou ao normal em termos fisiológicos, até hoje nunca voltou ao normal, como eu era antes, como eu me percebia antes. Agora eu tenho mais respeito pelo meu corpo, vejo que não dá prá judiar dele, como eu judiei naquela época. Mas é uma coisa, uma marca que te fica que não dá para tirar.

Entrevistadora: Como foi prá você tomar a decisão de acatar a decisão da sua mãe, dos seus pais?

Das Dores: Era uma coisa mais forte que eu. Eu senti que se fosse contra essa decisão dela eu iria contra tudo que eu tinha, então não dava. Era ir contra mim mesma porque tudo estava resumido naquela decisão dela, se eu fosse contra aquilo, eu iria contra tudo que eu era. Hoje eu penso: "Foi covardia, deveria ter lutado mais", mas foi uma coisa de se anular mesmo, de acatar uma anulação. Foi contra a minha vontade, mas ao mesmo tempo foi a favor, porque ela estava tomando uma decisão por mim. Hoje, eu posso falar que a decisão foi minha, só que ela tomou por mim. Mas é muito fácil chegar agora e falar ela tomou a decisão. De repente, pode até ser que a nível inconsciente eu queria tomar essa decisão e deixei a cargo dela.

Entrevistadora: Você me falou como você se sentiu antes, você não pensava na criança, mas pensava que a sua mãe não podia saber. Como você se sentiu durante o aborto?

Das Dores: Eu estava toda desestruturada, eu não conseguia perceber o que estava acontecendo, eu não conseguia visualizar o todo. Foi uma anestesia cerebral. Eu, inconscientemente, parei de pensar no que estava acontecendo. Tanto que eu me mantive durante todo esse tempo totalmente fria, totalmente gelada, como se aquilo não fosse nada. E eu me culpei durante muito tempo por ter me sentido e por ter me mantido gelada daquele jeito. Eu não conseguia sentir remorso, eu não conseguia sentir a perda. Eu sentia a perda, eu senti. Eu não consigo definir o que eu sentia, eu sentia como se eu estivesse anestesiada emocionalmente. Eu sentia como

se tivesse acabado um problema, mas eu não sentia a perda física de uma pessoa que ia fazer parte de mim, que era parte de mim.

Entrevistadora: Você imagina como ele, seu companheiro se sentiu?

Das Dores: Ele fugiu.

Entrevistadora: Mas ele foi incomodado.

Das Dores: Eu não consigo imaginar. Acho que no momento ele deve ter pesado as conseqüência e deve ter sentido um pânico muito grande. Porque prá ele ter se afastado da firma, ter pedido transferência é porque ele estava sentido a estrutura da vida dele toda ameaçada.

Entrevistadora: Antes disso ele não tinha nenhum planejamento de mudança?

Das Dores: Não. Era um acordo mútuo, estúpido, eu admito, mas eu gosto de você, você gosta de mim, então nós vamos ficar o tempo que a gente quiser ficar e acabou. Eu não cobrava que ele largasse a esposa. Ele é como se fosse uma pessoa que me ensinou muito, mesmo nessas condições do aborto, me ensinou muita coisa. Me ensinou a confiar desconfiando, acho que isso é ensino. Eu acho que isso é uma coisa boa, porque antes eu confiava cegamente nas pessoas, no que elas diziam para mim. Eu não tinha a malícia de ver que elas estavam mentido e me manipulando ou não. Eu acreditava realmente que se alguém me dissesse que era isso, eu acreditava que era isso porque primeiro porque ele era mais velho que eu, segundo porque eu gostava nele e acreditava no que ele dizia. Então, prá ele ter fugido, acho que ele sentiu que a estrutura familiar, a estrutura da vida dele estava ameaçada. E eu acho que a cada 365 dias, pelo menos um segundo quando ele vai dormir, ele deve lembrar: “Será que ela teve, será que ela não teve? Será que eu tenho um filho por aí, será que eu não tenho?” Ele nunca tentou me procurar, nunca tentou ver depois no que tinha dado, então...

Entrevistadora: De quem você acha que tem que ser essa decisão de abortar ou não?

Das Dores: Agora, hoje, eu tenho a certeza que se você tiver uma relação estável, uma relação que levou você a fazer amor com uma pessoa, a decisão tem que ser dos dois. Se não há consenso nessa decisão, eu acho que é da mulher, porque eu acho que a carga de um filho, a carga emocional, a carga a responsabilidade, por mais que o homem esteja presente, é da mulher. Eu vou carregar 9 meses, eu vou ter as dores do parto, eu vou ser responsável pela educação, pela alimentação, pela base moral, pela base emocional... Por mais que os pais ou que esse pai esteja presente, que case comigo, é uma pessoa que vai estar um tempo maior ausente, então eu vou ser a base e o alicerce dessa criança. Eu acho que se a mulher decide sim eu vou ter, independente se o parceiro não quer, a família não quer, acho que é ela que vai assumir essa criança. A visão que eu tenho hoje, é de que a decisão final é da mulher.

Entrevistadora: Como é que você acha que a mulher se sente quando decide fazer isso? E o homem, o companheiro, como se sente?

Das Dores: Quando a mulher quer e o homem não quer o aborto, eu acho que se a mulher tomou essa decisão, se a decisão partiu dela, ela deve ter um forte motivo

para não ter esse filho. Essa criança iria abalar alguma coisa que ela dá muito valor na vida dela, quer seja a vida profissional, ou a estabilidade emocional, familiar a estabilidade dela mesma, a integridade dela. Quando o homem não quer, acho que é porque ele se sente diminuído nessa relação de poder. Ali é o corpo da mulher, é a vontade dela que prevalece, embora ele possa ter mil maneiras de prometer que não, se a mulher não quiser, a gestação não vai até o final. E quando a mulher quer e o homem não, quando ela assume um filho, mesmo que seja uma adolescente, ela tem noção do que ela está assumindo. Por mais fantasiada que seja a visão que ela tenha da gravidez, de ter um filho, acho que ela tem a noção de que ela vai ser responsável pela criança, que ela vai ter que dar a base emocional, a base financeira, enfim que vai ter que arcar com todo o desenvolvimento dessa criança. Quando o homem não quer que ela tenha o filho, acho que ele se sente usado. Eu tenho amigo que se sentiu usado pela mulher: “Ela quis me segurar, não conseguiu, e arrumou um filho. Aí, eu não quis o filho, ela teve sozinha, só que eu vou manter um vínculo com ela para o resto da vida.” Eu acho que muitas mulheres até enveredam por esse caminho, mas eu acho que a maioria delas, de nós, não. Acho que é uma coisa mais de ter força de vontade e opinião naquela hora.

Entrevistadora: Como você acha que o companheiro pode participar da decisão de abortar?

Das Dores: Eu acho que só em casos extremos, como uma pessoa que depende totalmente financeiramente dessa pessoa. Se ela vê que não tem estrutura nenhuma com essa companheiro, fora do contexto, ela não tem estrutura nenhuma para agüentar, eu acho que isso é um determinante, .

Entrevistadora: Para ele participar dessa decisão?

Das Dores: É. Eu acho. Eu sei que é uma coisa meio capitalista ter uma visão desse tipo, mas acho que se for uma mulher que têm condições financeiras, que tem estrutura, acho que ela consegue enfrentar a sociedade, mesmo com essa opinião negativa de gravidez do parceiro, acho que ela consegue levar uma gravidez adiante.

Entrevistadora: E só a mulher deve decidir, fora dessa situação?

Das Dores: É.

Entrevistadora: Se não tem dependência financeira, quem decide sozinha é a mulher, é isso?

Das Dores: Se o casal entra num consenso de ter a criança, ou de não ter, tudo bem, mas quando não há consenso acho que é a mulher que decide.

Entrevistadora: Você acha que tem que ter uma lei que regulamente o aborto?

Das Dores: Eu acho que sim, eu acho que sim. Porque do mesmo modo que eu tive o amparo da minha família, aos trancos e barrancos tive, mas é como em visitas domiciliares que eu fiz nas favelas, houve meninas de 10, 11 anos grávidas. E visto o pânico que me deu com 17 anos, eu imagino o que acontece com uma criança de 11 anos. Se eu fiz besteira, ela era capaz de fazer muito mais. Elas correm muito risco de vida. Eu acho que se você tem autonomia prá votar, tem autonomia prá pagar imposto, autonomia para você fazer n coisas, tem que ter autonomia sobre o seu corpo também. Ninguém pode dizer o que eu devo e o que eu não devo fazer com o

meu corpo. Se eu quero realizar um aborto, eu tenho que ter maior amparo possível do sistema de saúde. Porque é a mesma coisa que a eutanásia que é uma coisa velada, mas que existe. Eu acho que a mulher tem direito de ser assistida num aborto. É uma condição primordial. Do mesmo jeito que com a AIDS, com o câncer se começa a correr risco cada vez maior e começa a acontecer maior número de óbitos, vai repercutir na sociedade, vai repercutir em termos de mão de obra, vai repercutir em termos de dinâmica social.

Entrevistadora: O que você acha do aborto ser realizado em hospitais da rede pública?

Das Dores: Acho que muitos profissionais iam se recusar a participar. Como a gente vê na doutrina espírita, a gente nunca deve ajudar a promover um aborto. Então, como ficaria a crença de pessoas que seguem esse determinante? Iriam ficar totalmente abaladas, porque por um lado a profissão dela exigiria que ela participasse, por outro lado a concepção religiosa proibiria. É a mesma coisa que a transfusão de sangue numa pessoa Testemunha de Jeová. Eu acho que é um caso complicado, eu acho que tem pessoas que encaram isso de uma maneira profissional. Eu acho que deveria haver consenso no hospital sobre quais as pessoas que estariam disposta a fazer isso, de repente pessoas que já passaram por isso, pessoas que tiveram familiares que passaram por isso, que viram a experiência traumatizante que é o aborto. Seria uma maneira de ajudar, eu acho que, independente de algumas religiões, se você está no papel de cuidador, de quem ajuda, acho que você transpõe essa barreira da religião.

Entrevistadora: Você conhece algum serviço, hoje, de saúde que assiste a mulher no momento do aborto?

Das Dores: Não.

Entrevistadora: E como que foi para você fazer o aborto?

Das Dores: Como eu disse, prá mim foi traumatizante. Eu acho que se eu tivesse algum local da área de saúde que eu pudesse recorrer e resolver esse problema sem a minha família ficar sabendo, eu acho que eu iria me sentir bem melhor, porque acho iria evitar todo o trauma que eu tenho, dessa parte emocional, pela minha família ter participado e por ela ter sabido disso. Se eu tivesse condições de resolver esse problema sozinha, eu teria me resolvido melhor, por todo esse transtorno que deu na família. Eu acho que eu sozinha teria mais estrutura para agüentar, para me resolver, para depois me redescobrir.

Entrevistadora: Se você tivesse apoio de um serviço de saúde, de algum serviço de saúde, você teria condições de pagar?

Das Dores: Olha, se tivesse condições de ter pago uma clínica, com certeza eu iria fazer numa clínica, mas acontece que, como eu, a maioria da população não têm condições de arcar com isso. Porque como é uma coisa clandestina, uma coisa proibida, o risco do profissional é muito alto, então esse risco é calculado. Então, o preço de um aborto numa clínica hoje, numa boa clínica, varia entre 2.000,00, 3.000,00 reais. Quem dispõe dessa quantia prá isso?

Entrevistadora: Como foi para você estar falando disso agora, hoje, nessa entrevista? Como você se sentiu?

Das Dores: Foi uma maneira de expor um problema. É bom ter uma pessoa que escuta o relato que eu dei agora, que vai analisar minha situação e ver que embora o aborto seja uma coisa traumatizante, ele traz no fundo uma coisa produtiva que é o auto-conhecimento, que é você descobrir a força que tem, que é de você se descobrir mulher. Porque eu era uma criança e depois do aborto eu me descobri uma mulher, eu vi como funcionava o meu corpo, eu vi até onde eu poderia ir. É uma maneira drástica essa mudança da adolescência para idade adulta, mais foi de uma hora para outra. Então eu vejo hoje essa entrevista como uma maneira de, se uma pessoa ler ou escutar isso amanhã, aprender um pouquinho sobre não persistir num erro, aquele que eu cometi, do mesmo jeito que eu me prometi que eu não iria persistir. Queria que uma pessoa ao escutar ou ler o que foi dito aqui, que ela aprendesse a se respeitar, aprendesse a ter mais cuidado com o seu corpo, aprendesse a se gostar mais, porque eu acho que se cuidar, se descobrir é se gostar também.

Entrevistadora: O que você diria para uma pessoa, para uma mulher que hoje tivesse tentando ou fosse fazer um aborto?

Das Dores: Eu diria prá ela que essa decisão tem que ser muito bem pensada, que é uma coisa que depois que foi feita não dá, não tem como voltar atrás, que independente da força de vontade que ela tem, independente do querer dela agora ou depois do aborto sempre há uma disfunção, por mais resolvida que ela esteja quanto a essa decisão. Sempre, no meu caso e algumas pessoas que eu conversei, sempre vai haver um resquício de culpa. Então ela tem que se preparar para trabalhar com esse resquício de culpa, porque a gente, as histórias do gênero mostram isso... Mulher foi criada e concebida historicamente para procriar, então parece que você tá indo contra uma coisa, um tabu muito forte da sociedade, que é ter um filho. Então, é para ela se preparar também, porque você vai ter crítica de várias pessoas.

Entrevistadora: E para as pessoas que fazem a lei, de ver o aborto como um crime, o que você falaria?

Das Dores: Acho que um crime é a venda ilegal de Citotec para adolescentes e pode causar a morte de muitas adolescentes, por falta de uma assistência inadequada. Acho que isso é um crime.

Entrevistadora: Mais alguma coisa que você queira falar?

Das Dores: “Manda um beijo prá Rosa! Obrigada por me dar a oportunidade de falar sobre isto pela primeira vez... No fundo, foi bom”

Roteiro para estudo de caso

Ler atentamente a história e assinalar no texto os trechos a que se referem às questões abaixo. Discutir em grupo e elaborar respostas às questões. Respalidar as respostas em textos bibliográficos indicados para a disciplina.

- 1) Quais as questões de gênero que o grupo identifica neste caso?
- 2) Levando em conta a categoria gênero, tente explicar porque elas ocorrem.
- 3) Quais as características da masculinidade e da feminilidade apontadas pela entrevistada em relação ao aborto, neste caso.
- 4) Quais os pontos que mais chamaram a atenção do grupo? Por que?
- 5) Como o grupo se posiciona diante das condições em que foi tomada a decisão de abortar? Por que?
- 6) Como o grupo se posiciona em relação às atitudes e os posicionamentos dos envolvidos no episódio do aborto?
- 7) Quais foram os sentimentos gerados no grupo em relação ao caso?

Roteiro para apresentação do trabalho

1. **Apresentação oral** - deverá ser em 15 minutos, seguidos de 15 minutos de discussão, apoiada por material de projeção
2. **Apresentação escrita:** elaborar um texto de no máximo 7 páginas contendo:
 - nome da disciplina
 - nome das alunas componentes do grupo
 - título do trabalho
 - respostas às questões, devidamente respaldadas em bibliografias
 - referências bibliográficas utilizadas.
3. Enviar o texto por e-mail, em formato .doc para o endereço eletrônico rmgfon@usp.br até o dia 10 de julho de 2014.